

A FILOSOFIA DE ERIC WEIL *

Marcelo Perine

Fac. Filosofia CES-SJ (BH)

* A propósito do recente livro de Gilbert Kirscher, *La philosophie d'Eric Weil. Systématique et ouverture*, Coll. Philosophie d'Aujourd'hui, Paris, Presses Universitaires de France, 1989, 414 pp.

1. Cf. *Síntese Nova Fase*, 41 (1987): 41-54.

2. Cf. E. Weil, *Logique de la Philosophie*, 2ª ed., Paris, Lib. Phil J. Vrin, 1974, p. 441.

O texto em questão é a publicação de uma brilhante tese de Doutorado de Estado, defendida em 27 de junho de 1987, na Universidade de Lille III, dirigida por E. Naert e examinada por B. Bourgeois, J.-F. Marquet e P. Ricoeur. Os leitores desta revista já tiveram oportunidade de conhecer o trabalho de Kirscher, pois o texto da sua defesa de tese foi publicado, com o título "A abertura do discurso filosófico. Ensaio sobre a *Lógica da Filosofia* de Eric Weil".¹ Esta nota sobre o belo livro de Kirscher é feita como que à margem dessas páginas, nas quais o próprio autor expõe o seu trabalho.

No final da *Lógica da Filosofia*, Weil faz duas afirmações que se aplicam perfeitamente ao livro de Kirscher. Uma é que todo livro filosófico só é verdadeiramente compreensível na segunda leitura; a outra é que, em matéria de filosofia, a clareza da exposição exclui a facilidade de leitura.² O livro de Kirscher é claro e, por isso mesmo, difícil. Sendo um livro verdadeiramente filosófico, tanto pelo seu objeto material como pelo seu objeto formal, ele exige mais de uma leitura. Guiado pela mesma opção metódica que anima a filosofia de Weil, procedendo não de um gosto pessoal e arbitrário, mas da "vontade de respeitar a intenção filosófica e sistemática de *nada excluir*, de *tudo compreender*" (p. 9), o A. se dirige ao sistema weiliano "segundo a ordem orientada do seu desenvolvimento", à luz de uma questão principal: "Em que sentido o sistema é aberto? De que maneira ele pensa a abertura do discurso filosófico?" (p. 15). O

termo *abertura* é, segundo o A., o que melhor caracteriza a estrutura sistemática e problemática do discurso filosófico weiliano, que assume a herança filosófica de Kant e de Hegel. Para saber como é possível ser ao mesmo tempo kantiano e hegeliano, é preciso compreender “em que sentido o discurso sistemático da filosofia ‘compreende’ a distância irreduzível da razão e do seu outro, esse outro contra o qual tropeça toda dialética e o qual ela revela pelo seu próprio fracasso em reduzi-lo” (p. 12). A questão principal será respondida por uma leitura exaustiva da obra de Weil, sempre conduzida pela mesma regra de interpretação: “Discernir no texto weiliano o jogo de duas camadas de sentido, a explicação e a doutrina, o ato de enunciar e o enunciado, que se refletem um no outro sem jamais coincidir absolutamente nem se absorver um ao outro” (p. 391).

A obra está dividida em quatro partes. Na primeira, em cinco capítulos, o A. põe o problema filosófico do *começo da filosofia*. Compara o começo paradoxal da *Logique de la Philosophie* (LP) com as figuras gregas e cristãs (cap. I) e com as figuras modernas do começo (cap. II). Mostra a ausência de toda conotação moral no começo da LP, e que a questão de uma introdução à filosofia só pode ser posta no final da própria filosofia (cap. III). Os caps. IV e V são decisivos para a compreensão da tese de Kirscher. A reflexão sobre Hegel e a aporia do começo absoluto (cap. IV) evidenciam o conteúdo da herança kantiana e hegeliana de Weil: “É precisamente o direito do filosofar que Weil reconhece na seqüência de Kant, e contra Hegel, sem com isso desconhecer o direito da filosofia. O paradoxo weiliano consiste em manter igualmente um e outro” (p. 124). No cap. V, sobre a idéia de uma lógica da filosofia em Fichte e Weil, o A. decide a questão de uma leitura exclusivamente hegeliana da obra de Weil, tão ao gosto de grande parte dos intérpretes. E decide-a, não por uma interpretação fichteana, pois Weil é discípulo de Fichte e de Hegel no reconhecer o “ato instaurador da liberdade como fundamento da diversidade irreduzível dos discursos filosóficos” (p. 137), mas pela demonstração de que para Weil, “o ato que liga o sujeito finito ao discurso nunca é inteiramente realizado de modo a abolir a finitude, ponto a partir do qual se pode conceber o começo do discurso” (pp. 149s.). Essa irrenunciável marca da herança kantiana é o que distingue o discurso weiliano do hegeliano. Para Weil, a liberdade não é absoluta, não é superação e abandono da finitude: “Ela é liberdade infinita do ser finito: uma estrutura de inacabamento marcada pelo jogo e pela inadequação insuperável do finito e do infinito, chegando à aporia” (p. 151).

Os quatro capítulos da segunda parte percorrem as que o autor chama "categorias primitivas" da LP, constitutivas do seu "fundo e início": a Verdade, o Não-senso, O Verdadeiro e o Falso e a Certeza. No cap. I sobre a Verdade como fundo do discurso, o A. enuncia a regra de leitura da LP: "Todo capítulo comporta dois discursos, no qual o mesmo conteúdo significado é proposto por um lado como conteúdo significado em si mesmo, como nó de sentido, como idéia, como unidade central e geradora do discurso que a desenvolveria, numa palavra, como categoria pura; por outro lado, como esse mesmo conteúdo na sua reflexão sobre sua enunciação, como capítulo de um discurso filosófico que supera a simples categoria e a abarca, com outras, numa mediação sistemática de todas as categorias do discurso" (p. 161). Esta regra, junto com o item 4 deste capítulo ("Categoria e atitude, explicação e doutrina", pp. 162-166) atestam claramente a fidelidade da interpretação da obra de Weil oferecida pelo A. Sem dúvida, os anos em que foi assistente de Weil, somados aos longos anos de reflexão sobre a sua obra, orientados magistralmente por E. Naert, uma das pessoas mais próximas de Weil durante a sua vida, fazem de Kirscher um dos mais autorizados intérpretes do pensamento weiliano. Note-se ainda que no cap. sobre O Verdadeiro e o Falso, o A. mostra como a captação da novidade irredutível da terceira categoria da LP é, ao mesmo tempo, a captação da diferença entre a *Lógica* de Hegel e a de Weil, e do princípio da crítica weiliana da dialética hegeliana (cf. pp. 196s.).

A terceira parte apresenta as categorias da razão e da reflexão presentes na LP. Começando pelas categorias antigas: Discussão, Objeto e Eu (cap. I); elevando-se ao primeiro grau da reflexão, constituído pela categoria de Deus, que "define o limiar da modernidade" (p. 264), e pela totalidade reflexiva da categoria da Condição (cap. II); passando pelas categorias da Consciência e da Inteligência, que constituem o segundo grau da reflexão (cap. III), o A. chega ao terceiro grau da reflexão, nas duas figuras da reflexão absoluta: as categorias da Personalidade e do Absoluto (cap. IV). Chamo a atenção para um ponto importante sobre o qual o A., a meu ver, passou depressa demais, relegando-o a uma nota de pé de página e remetendo a questão a um estudo de H. Bouillard.³ Trata-se da questão sobre uma possível redução do cristianismo à categoria da Personalidade, e a da compreensão e substituição da fé cristã na categoria do Absoluto, historicamente falando, na filosofia hegeliana (cf. p. 286, n. 2). É extremamente iluminadora a compreensão da Personalidade junto com o Absoluto, fato para o qual P. Ricoeur já chamara a atenção, no Colóquio de Chantilly (1982), ao falar do

3. Cf. H. Bouillard, "Philosophie et religion dans l'oeuvre d'Eric Weil", *Archives de Philosophie*, 40 (1977):543-621.

"caráter deliberadamente antropológico da categoria do *Absoluto*".⁴ Porém, a análise de Kirscher mostra como Weil pode ser verdadeiramente pós-hegeliano, sem que a seqüência da LP, a partir do Absoluto, seja reduzida a "um combate dramático para preservar a coerência", como disse P. Ricoeur na mesma comunicação acima citada.⁵ Com efeito, diz Kirscher: "A *Lógica da Filosofia* não supera o *absoluto* saindo dele: nenhuma filosofia sai do *absoluto* sem deixar de ser filosofia. Se a *Lógica da Filosofia* supera a filosofia absoluta, é, diremos, do interior da categoria do *absoluto*, reintroduzindo no discurso total a alteridade radical do seu outro, reabrindo no coração do discurso absoluto a fenda que o absoluto quer preencher, a brecha que separa o homem de si mesmo no coração de sua liberdade, que é liberdade para o discurso e a razão, mas também liberdade para o silêncio e para a violência" (p. 296).

A quarta parte da obra, sobre as categorias da filosofia, é a recompensa oferecida pelo extenuante trabalho de compreensão a que ela submete o leitor. O cap. I analisa as categorias da revolta contra o Absoluto: A Obra e o Finito; o cap. II apresenta o fim da filosofia na categoria da Ação, e os capítulos III e IV apresentam, respectivamente, as categorias formais da filosofia: Sentido e Sabedoria. Na análise da categoria da Obra, o A. retoma com maior clareza uma idéia já desenvolvida por ele anteriormente,⁶ para compreender como é possível que o lógico da filosofia faça o discurso coerente da incoerência ou, dito de outro modo, *compreenda a incompreensibilidade da violência pura*.⁷ O seguinte texto é extremamente iluminador da questão: "É o lógico da filosofia que pensa a categoria e que enuncia o impossível discurso da violência. Ele fala, segundo a exigência de verdade e de coerência, de uma atitude que não fala de si mesma, que não se pensa a si mesma. O discurso da *obra* é necessariamente um discurso virtual do qual o discurso filosófico incoerente da renúncia ao discurso filosófico não é mais que uma retomada" (p. 308). Se no texto de 1981, Kirscher dizia que o lógico da filosofia precisava lançar mão da prosopopéia para entender o violento, agora ele afirma com toda propriedade que a categoria da *obra* só é categoria da filosofia de maneira indireta, "por procuração" (p. 310). Ademais, o A. mostra com toda clareza que, no pensamento de Weil, é a distinção metódica entre a *doutrina* e a *explicação* que permite "resolver a aporia de um discurso filosófico que ultrapasse o discurso absoluto pelo abandono do discurso" (p. 307). Com efeito, a aporia da ultrapassagem do Absoluto se resolve, segundo Kirscher, no discurso da *obra*, que reúne duas exigências radicalmente estranhas uma à outra: "Aquela, filosófica, de compreender e de se

4. Cf. P. Ricoeur, "De l'Absolu à la Sagesse par l'Action", *Actualité d'Eric Weil*, Paris, Beauchesne, 1984, p. 409.

5. Id. *ibid.*, p. 411.

6. Cf. G. Kirscher, "Eric Weil: la philosophie comme logique de la philosophie", *Cahiers Philosophiques*, 8 (1981):25-69, aqui 50.

7. Cf. M. Perine, *Filosofia e Violência. Sentido e intenção da filosofia de E. Weil*, São Paulo, Ed. Loyola, 1987, p. 176.

compreender num discurso coerente, sob a égide da verdade, guiada pela idéia de absoluto; e aquela irredutivelmente anti-filosófica da atitude que se desinteressa de toda compreensão e que somente criar" (p. 309). No discurso da *obra* trata-se, pois, da reunião violenta e filosófica da filosofia e da violência, operada pelo filósofo que, além de se opor violentamente à violência, escolheu compreender. Por isso ele é o herdeiro da atitude e da categoria da *obra*, posto que é como filósofo que ele assume a violência, situando-a no plano de uma lógica da filosofia, num lugar e com uma função decisiva para a filosofia. Com efeito, "a descoberta do fato categorial da violência pura enquanto anti-filosofia é essencial para a elaboração da categoria filosófica da filosofia: ela permite a esta não mais se reduzir ao *absoluto*" (ibid.).

O capítulo sobre a Ação é dos mais vigorosos de toda a obra de Kirscher. O A. mostra que a nova atitude, duplamente irredutível, ao discurso do *absoluto* em nome da finitude, à violência em nome da idéia do absoluto, se constitui justamente porque nem o discurso coerente absoluto, nem a violência da revolta "podem satisfazer a filosofia que quer assumir a dupla herança do discurso coerente sem o qual só haveria violência, muda ou falante, e da violência sem a qual o discurso não teria sentido para o homem que se sabe finito" (p. 328). Aqui, como no início da *Lógica*, o filósofo não introduz uma atitude, mas uma categoria, na qual se dá "a verdadeira superação do discurso absoluto" (p. 330), pois "a ação é a ação da filosofia que chegou à consciência filosófica de seu outro e não se contenta mais com essa consciência — como fazia o *absoluto* —, mas a realiza" (p. 331). A ação, portanto, "é a filosofia em obra" (p. 332), "ela é política" (p. 335), e só ela revela o problema filosófico da política na medida em que, pensando-se a si mesma como uma categoria do discurso coerente e filosófico, ela se apresenta como a solução do problema que a violência absoluta põe à filosofia: "A filosofia política é fundada sobre a categoria da ação, isto é, sobre a categoria da filosofia que resolve o problema da filosofia compreendendo que ele não é somente teórico, mas prático, ainda que ele seja problema do discurso, posto ao discurso e pelo discurso" (p. 336). Como discurso-agente, a ação é filosófica e política ao mesmo tempo, é a unidade da dualidade de razão e violência, essa dupla possibilidade da liberdade. Valeria a pena apresentar aqui o desenvolvimento do A. sobre a diferença entre Hegel e Weil em matéria de filosofia política. A limitação desta nota faz-me remeter o leitor interessado nessa questão à recente tradução da *Filosofia Política* de Weil, onde a questão é amplamente elucidada.⁸

Uma passagem do artigo de Kirscher sobre a abertura do discurso filosófico traduz os desenvolvimentos dos dois últimos capítulos do seu livro: "As duas últimas categorias, formais, assumem no plano da filosofia o que a *ação* pensa e faz no plano da política. Se o problema da política é, finalmente, o da organização do cosmo humano, do 'Estado mundial', segundo uma unidade tal que as diferentes comunidades históricas possam nele coexistir respeitando as suas diferenças particulares, o problema da filosofia é o da articulação dos discursos filosóficos diferentes e irreduzíveis segundo uma lógica que permita ao filósofo compreendê-los todos, sem reduzi-los à verdade de um conteúdo absoluto. A essa abertura filosófica do discurso sistemático a todos os discursos, segundo a categoria formal do *sentido*, corresponde finalmente a atitude da *sabedoria*, que seria a sua realização na vida do indivíduo. Se o filósofo é aberto ao Todo sistemático dos discursos da realidade, o sábio é aberto ao Todo sensato da realidade; ele é aberto não somente à razão no discurso, mas também à razão no mundo. O discurso filosófico sistemático se abre à realidade que é *sensata* posto que ela se deixou dizer".⁹

A conclusão do livro é a confirmação da coerência da interpretação que oferece da obra de Weil. Dado que todo o percurso da LP se mostra "como uma progressiva tomada de consciência de si da liberdade" (p. 390), então é mais do que correto afirmar que a circularidade da LP é aberta, pois "o termo *abertura* designa esse ato da liberdade do ser finito que deixa o universal da verdade informar seu discurso e sua vida" (ibid.). Dito de outro modo: "O filosofar weiliano se caracteriza, de maneira essencial, pelo reconhecimento do *outro* do discurso, sob todas as suas espécies, da *violência* à *sabedoria*, nas suas múltiplas figurações" (p. 394). Verdadeiramente o livro de Kirscher exige uma segunda leitura.

Alguns erros gráficos de pouca importância poderão ser corrigidos numa próxima edição. Na p. 5, nota 2, leia-se Sichirolo em vez de Schirolo; na p. 35, quinta linha do primeiro parágrafo, leia-se *leur* em lugar de *feur*, e na linha seguinte leia-se *foi* em vez de *loi*; na p. 259, linha 4, a citação da LP, p. 192 deve ser LP, p. 188; na p. 343 a citação da LP, p. 45 deve ser LP, p. 405; e, finalmente, na p. 385, a citação referida a (PM, p. 261) deve ser referida a (PP, p. 261).

9. Cf. G. Kirscher, "A abertura do discurso filosófico. Ensaio sobre a *Lógica da Filosofia* de Eric Weil", *Síntese Nova Fase*, 41 (1987):51.

Endereço do autor:

Av. Cristiano Guimarães, 2127
31710 — Belo Horizonte — MG

SÍNTESE NOVA FASE
49 (1990): 95-100